

O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*?

Ana Maria S. Zilles
(UNISINOS/UFRGS)



Introdução

Este artigo visa a sintetizar os principais resultados de pesquisas acerca da gramaticalização de *a gente* no português do Brasil (PB), assim como levantar uma série de questões que ainda demandam investigação.

Inicialmente, tratamos do conceito e das características da gramaticalização, não só do ponto de vista da teoria lingüística, como um processo de mudança estrutural, mas também como um processo sociolingüístico, já que nenhuma mudança pode prescindir de falantes que a implementem e sua atuação é decisiva em fazê-las avançar ou não.

A seguir, apresentamos alguns resultados quantitativos de pesquisas já realizadas, ressaltando a regularidade do processo no país, ao mesmo tempo em que, focalizando mais de perto o Rio Grande do Sul, mostramos diferenças entre comunidades, que podem contribuir para um entendimento de como esta mudança está progredindo.

Discutimos, ainda, as restrições ao uso de *a gente*, analisando alguns excertos de entrevistas sociolingüísticas e dados esparsos de língua escrita. Particularmente em relação ao uso de *a gente* na escrita, apresentamos uma série de observações preliminares e questões que julgamos relevantes para uma compreensão mais adequada da implementação socio-histórica desta mudança e de sua avaliação social.

Gramaticalização

Partindo da definição dada por Meillet (1912), entende-se por gramaticalização a mudança lingüística por meio da qual ocorre a

atribuição de *status* gramatical a um item lexical previamente autônomo (substantivos e verbos, mas também adjetivos e advérbios). Contudo, admitimos, com Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993), entre outros, que também itens lingüísticos que já tenham caráter gramatical, possam gramaticalizar-se ainda mais. Assim, pronomes podem tornar-se afixos, preposições podem perder autonomia e ser incorporadas à estrutura de uma outra palavra, como se observa no pronome pessoal oblíquo *conosco*, em que a preposição foi duplamente incorporada, em diferentes momentos da história da língua, conforme se constata na etimologia descrita no *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2001):

lat. pron. **nós** (por **nóbis**) + prep. **cùm** > **noscum** (por **nobiscum**) > **nosco**, antecedido de redobro da prep. **com** > **con-** + **nosco**; f. hist. 1282 **cõnosco**, sXIII **connosco**, sXIII **nosco**, sXV **comnosco**.

A própria possibilidade de redobrar a preposição *com* traz à tona uma das questões amplamente debatidas acerca da gramaticalização: a dessemantização, ou perda do valor semântico do item lexical. Em *conosco*, a perda de valor pela preposição incorporada no fim da palavra permitiu que a mesma fosse reduplicada, desta feita no início, aos moldes do português, como **preposição**, e não aos moldes do latim, como **posposição**.

Considera-se que a gramaticalização é um tipo particular de mudança lingüística em virtude de certas características que lhe são inerentes. Uma dessas características é que a gramaticalização é um processo **lingüisticamente motivado** e altamente encaixado no sistema lingüístico. Assim, os fatores decisivos que lhe dão início e continuidade não estão exclusivamente nos itens que se gramaticalizam, mas em mudanças simultâneas, que estão ocorrendo ou já ocorreram em subsistemas lingüísticos relacionados. Fala-se, então, em **feixe de mudanças inter-relacionadas**. Por exemplo, um processo de gramaticalização no sistema pronominal de uma língua pode acarretar mudança relacionada no sistema de concordância verbal, como é o caso do pronome *você* em português. Sua introdução no paradigma dos pronomes, em muitas das variedades do PB, contribuiu para a redução do paradigma de desinências verbais, justamente por originar-se de um SN (*Vossa Mercê/Vossas Mercês*) e associar-se a verbos na 3ª pessoa do singular (FARACO, 1996). Evidentemente, esse não é o caso em todas as variedades do português, nem mesmo no Brasil, onde o pronome *tu* persiste em algumas variedades, acompanhado da desinência verbal em proporções variáveis, dependendo do grau de formalidade e do nível de educação formal, bem como da idade dos falantes. O pronome *tu*

também continua vivo nos dialetos lusitanos, e necessitamos de pesquisa da língua falada nos países africanos¹ e nas localidades de língua portuguesa em outras partes do mundo para obtermos um mapa mais preciso dessas mudanças. A gramaticalização de *você* tem, ainda, reflexos em outras partes do sistema pronominal, a exemplo do que se verifica com o uso deste pronome na posição de objeto direto: *ele viu você ontem*; na posição de objeto indireto: *ele gosta de você*; e na locução possessiva: *este livro é de você*. Além disso, é preciso mencionar que, no caso da 2ª pessoa do plural, houve, particularmente no PB, arcaização tanto do pronome *vós* e respectivas formas quanto da desinência verbal correspondente, e sua ampla substituição pelo pronome inovador *vocês*, combinado a verbo na 3ª pessoa do plural.

Uma segunda característica considerada inerente à gramaticalização diz respeito ao modo como ela avança. Como as demais mudanças lingüísticas, ela ocorre por transições graduais ao longo de um *continuum* que se projeta no tempo. A peculiaridade reside no caráter **unidirecional** desse processo, cujo protótipo é representado pelo seguinte curso:

palavra lexical > *palavra gramatical* > *clítico* > *afixo* > *zero*.

Ainda que haja debate acerca da unidirecionalidade como uma propriedade necessária da gramaticalização, não nos ateremos a ele, pois é outro o ponto que queremos destacar. Interessa-nos mostrar que, em cada uma dessas transições, há múltiplos processos envolvidos: fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, a gramaticalização é, mais precisamente, um **conjunto de mudanças**, minimamente descrito, segundo Heine (2003), por quatro mecanismos:

- a) **Dessemantização**: redução semântica, “*bleaching*”, perda de conteúdo semântico;
- b) **Extensão**: generalização contextual, uso em novos contextos;
- c) **Decategorização**: perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda do status de palavra independente própria da cliticização e da afixação;
- d) **Erosão**: redução fonética, perda de substância fonética.

¹ Luandino Vieira, escritor angolano, apresenta o pronome *você* seguido de verbo flexionado na 2ª pessoa do singular, particularmente nos diálogos, até onde pude observar em rápida mirada a seus textos. É, certamente, uso intrigante que merece estudo sistemático.

Ora, se cada processo de gramaticalização é constituído por múltiplos mecanismos de mudança, cabe perguntar como eles se dão no contexto socio-histórico. Ocorrem todos ao mesmo tempo? No mesmo ritmo? São liderados pelos mesmos falantes? Recebem avaliação social positiva ou negativa? Para responder a estas questões, podemos recorrer, ao menos em certa medida, aos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana. Sob esse ponto de vista, tais mecanismos podem ser analisados como diferentes regras variáveis, conforme discutido em Zilles (2002). Isso significa que cada uma dessas mudanças pode ser analisada em termos de seu encaixamento lingüístico (como já discutimos brevemente acima) e social, sendo admissível que tenha diferentes grupos sociais como líderes, que progrida em diferentes ritmos e que receba diferentes avaliações sociais em diferentes contextos.

A gramaticalização de *a gente*

Há múltiplas reorganizações gramaticais em curso no português do Brasil. Um desses processos é justamente o incremento no uso de *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa do plural (SCHMITZ, 1973; OMENA, 1996a, 1996b; OMENA e BRAGA, 1996; LOPES, 2003; ZILLES, 2005).

O encaixamento lingüístico de *a gente*, a exemplo do que ocorreu com a introdução de *você/vocês*, também está, indiretamente, acarretando mudança no paradigma da concordância verbal, apontando para sua redução, já que o mais freqüente é encontrarmos o novo pronome seguido de verbo na 3ª pessoa do singular. Contudo, há registros de uso do pronome *a gente* acompanhado de verbo na 1ª pessoa do plural. Naro, Görski e Fernandes (1999) tratam do tema em relação à fala do Rio de Janeiro na década de 1980, a mesma, aliás, de canções muito conhecidas como a denominada Inútil² (“Inútil/A gente somos inútil”), do grupo Ultraje a Rigor, em que há uso variável de concordância tanto com *a gente* quanto com *nós* (“Tem gringo pensando que nós é indigente”). Contudo, nos dados de quatro comunidades do Rio Grande do Sul, esse fenômeno praticamente não ocorre na fala dos adultos (ver ZILLES; MAYA; SILVA, 2002) para a discussão de um único caso de uso da frase feita “a gente estamos aí”.

² O uso variável da concordância verbal nesta canção é muito interessante em termos dos efeitos de sentido que pode gerar e merece discussão detalhada, para a qual não temos espaço aqui.

Outro aspecto do encaixamento lingüístico de *a gente* refere-se ao chamado parâmetro do sujeito nulo. Segundo Duarte (1996; 2000) e Simões (2006), entre outros, o PB estaria se encaminhando para o progressivo preenchimento do sujeito. É notável, neste processo, a contribuição dos novos pronomes da língua, que, por derivarem de sintagmas nominais, estabelecem concordância ou com a terceira pessoa do singular (*você, a gente*), ou com a terceira pessoa do plural (*vocês*) e são altamente preenchidos, mesmo nos contextos de nulo no Português Europeu (PE), como é o caso das orações subordinadas: *naquele tempo você/a gente só podia sair quando **você/a gente** terminava o trabalho* (note-se que, sem o pronome na subordinada, haveria ambigüidade, pois também seria possível interpretar como *naquele tempo você só podia sair quando **o trabalho** terminava*).

Outros aspectos do encaixamento lingüístico de *a gente* ainda poderiam ser mencionados. Dentre eles, está o objeto nulo, uma inovação sintática do PB em relação ao PE que reforça a necessidade de explicitar o sujeito, se não pela desinência, pelo uso de pronome ou SN.

Vimos, então, que a mudança que introduz *a gente* no sistema pronominal não ocorre isoladamente. Sua motivação, como já dito, pode bem estar em outros subsistemas da língua, no caso, ao que parece, especialmente, na mudança do paradigma verbal.

No entanto, há também, digamos, motivação intrínseca ao processo, pois não é surpreendente que uma palavra como *gente* seja a fonte para essa mudança. De acordo com Castilho (1997, p. 37) e Heine e Kuteva (2002, p. 232-233), as línguas tendem a ter, como fontes para pronomes indefinidos, nomes genéricos como **homem**, **povo** e **pessoa**. Conforme Lopes (2001, p. 140-141), a gramaticalização de *a gente* começa com seu uso como pronome indefinido, expressão indeterminada com sentido genérico, no século XVI, em substituição ao uso de *homem~ome*. Apesar de ainda não haver clareza sobre a razão dessa substituição, é fácil reconhecer que este desaparecimento corresponde ao estágio final do processo unidirecional de gramaticalização. Por outro lado, a emergência de “a gente” representa claramente a renovação do processo, correspondendo a um novo ciclo.

Para a compreensão desse processo de gramaticalização de *a gente*, as características intrínsecas do item lexical que se gramaticalizou são particularmente relevantes. A primeira delas é o sentido original do substantivo latino: *gens, géntis*³ significava *povo*,

³ Conforme o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, a etimologia da palavra *gente* é a seguinte: agrupamento familiar, clã, a casa em sua totalidade, família, povo, raça, geração, prole; (pl.) estrangeiros, bárbaros (com relação aos romanos); pagãos, gentios, idólatras (por oposição aos judeus e aos cristãos).

tendo, inerentemente, um traço semântico de pluralidade e um traço de pessoa (ser humano). No entanto, o substantivo *gente* era um nome coletivo, fator decisivo para assumir, posteriormente, como pronome indefinido, o valor [+genérico], correspondente ao significado de “toda e qualquer pessoa”.

Feitas essas considerações, passamos, agora, a tratar mais detalhadamente do **conjunto de mudanças** que caracteriza a gramaticalização, examinando se os mecanismos em questão estão ocorrendo no caso de *a gente*: a dessemantização, a extensão, a decategorização e a erosão. Nosso objetivo é o de compreender melhor o processo em questão, para, a seguir, discutir algumas das restrições que se verificam no uso desse novo pronome.

A dessemantização é concebida como redução semântica, desbotamento (*bleaching*) ou perda (parcial) de conteúdo semântico do item lexical original. No caso em estudo, o substantivo *gente* perde o traço de povo, porém mantém o de pessoa. Essa condição é essencial para o passo seguinte, quando ocorre a posterior mudança semântica relacionada com a possibilidade de *a gente* expressar *pessoa do discurso*: *eu e tu, eu e outras pessoas* (Borges, 2004).

A extensão pode ser entendida como a generalização contextual, uso em novos contextos; é um processo de difusão, que se verifica tanto qualitativa quanto quantitativamente. Quantitativamente, conforme Zilles (2005), o uso de *a gente* na posição de sujeito da oração aumenta significativamente dos anos 1970 para os anos 1990. Qualitativamente, expande-se para novos contextos, onde antes não era possível. Assim, inicialmente usado apenas com sentido genérico, como no exemplo (1) e estende-se para os contextos de referência específica, como no exemplo (2). Outra face da extensão é a de que *a gente* passa a ocorrer como pronome anafórico dentro da oração, como mostra a comparação entre (3) e (4) abaixo:

- (1) *No excerto de entrevista a seguir, a informante está falando de outros lugares que conhece além de Porto Alegre: **Conheço Bento, né? Rio Grande do Sul, né? até que eu não, não conheço, não conheço muito, né? Eu procuro, estou procurando fazer assim mais pro Rio Grande do Sul também, né? Que eu não, né? o estado a gente tem que conhecer, né? Tem tanta coisa.*** (RSPOA31, VARSUL, 1.482 a 489).
- (2) *No excerto de entrevista a seguir, a informante está falando sobre as brincadeiras da infância: **(hes) nós não tínhamos muito contato com outras crianças, a vó nunca deixou a gente sair assim [do] – do portão pra fora pra brincar com outras crianças, então o nosso mundo éramos nós mesmos.*** (RSPOA28, VARSUL, 1.33-37).

(3) *a gente_i olha pra gente_i e vê que... (uso anafórico)*

(4) **a pessoa_i olha pra pessoa_i e vê que... (anáfora impossível com substantivo)*

O terceiro mecanismo, a decategorização, implica perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda do *status* de palavra independente própria da cliticização e da afixação. Na mudança em questão, quando se torna pronome indefinido, há, primeiramente, a fixação da seqüência *a gente* e restrições combinatórias: a seqüência *a boa gente*, por exemplo, não corresponde ao uso como pronome, e sim como substantivo; a seqüência **A gente, gaúchos, temos muito orgulho*, não é possível nem com o sentido genérico, nem com o sentido pessoal.⁴ Em segundo lugar, conforme Lopes (2003), ocorre a perda do plural gramatical (*as gentes* não tem o significado de primeira pessoa do plural, e sim de *as pessoas*, como se observa no exemplo extraído de Fischer (2004):

Board – Palavra que tem sido muito usada hoje em dia, tempo de globalização dos mercados, o Terceiro Mundo entregando de bandeja o patrimônio nacional para a grana internacional, essas coisas, e usada no sentido inglês mesmo, de conselho, direção, as gentes que mandam em uma empresa, os chefões. (FISCHER, 2004, p. 44).

Também conforme Lopes (2003), ocorre a perda do gênero feminino (inerente ao substantivo *gente*), de modo que o predicativo do pronome *a gente* passa a assumir o gênero do referente, como ocorre com o pronome *nós*. É o que se observa em (5) abaixo:

(5) *a gente está muito cínico, assim muito na retaguarda (falante do gênero feminino, referindo-se a quem num determinado partido político) (RSPOA31, l. 900).*

O quarto e último mecanismo, a erosão, envolve a redução fonética, a perda de substância fonética. Temos observado que a forma *a gente* pode ser realizada como *a gente*, *ahente*, *a'ente* e *'ente* (GUY, 1981; MENON, 1996; e ZILLES, 2002). Assim, não causam estranheza exemplos como:

(6) *amanhã a'ente vai lá*

(7) *depois 'ente pega o ônibus e vai*

⁴ Essa restrição transparece na auto-correção feita pelo falante no excerto de entrevista a seguir: *A gente está sempre – nós, os fotojornalistas – está sempre dependendo destas coisas, diferentemente do jornalista* (faixa etária 25-35 anos, curso de jornalismo, NURC, anos 1970).

Muito interessante, neste mecanismo da erosão, é notar sua interdependência com a posição sintática de sujeito, já que não se encontram ocorrências como **Ele viu 'ente lá* (ZILLES, 2002; BORGES, 2004). Neste caso, há um paralelismo entre esta redução e a redução de *você(s)* para *'cê(s)*⁵ que reforça a idéia de que a gramaticalização é uma mudança altamente encaixada no sistema lingüístico.

Resultados de estudos quantitativos

Focalizamos, a seguir, alguns aspectos sociolingüísticos da gramaticalização de *a gente*. Os primeiros resultados quantitativos aqui apresentados são de um estudo de tempo aparente, em que foram analisadas entrevistas de 39 informantes do banco de dados do projeto Variação Lingüística Urbana no Sul do País, VARSUL. Todos são de Porto Alegre e foram estratificados em gênero (19 masculino e 20 feminino), idade (17 de 25-49 anos e 22 acima de 50 anos) e nível de escolarização (10 com escolaridade elementar – até 5 anos, 8 com escolaridade intermediária – 5 a 8 anos, 9 com escolaridade secundária – 9 a 11 anos, e 12 com escolaridade pós-secundária – mais de 11 anos). Esses critérios foram estabelecidos na própria coleta de dados do VARSUL.

A Tabela 1 a seguir apresenta dois dos grupos de fatores sociais que obtiveram significância estatística nesse estudo.

TABELA 1 – Fatores sociais significativos para o uso de *a gente* em Porto Alegre, anos 1990.

	N/Total	%	Peso
Gênero			
Masculino	422/678	62	0,41
Feminino	915/1266	72	<u>0,55</u>
Idade			
25-50	480/618	78	<u>0,66</u>
50-70	857/1326	65	0,42
Totais	1337/1944	69	Input: 0,85

Os resultados para as variáveis sociais na Tabela 1 mostram que esta é uma mudança liderada por mulheres (o gênero feminino favorece o uso de *a gente*, com peso de 0,55, e o gênero masculino o desfavorece, com peso de 0,41). Os resultados para faixa etária

⁵ Sobre a redução de *você*, ver Ramos (1997) e Vitral (1996).

também indicam uma mudança em curso, pois os falantes mais jovens lideram com uma diferença robusta no peso: 0,66 contra apenas 0,42. Nota-se ainda que o *input* (a probabilidade geral de uso de *a gente*) é muito alto (0,85), indicando que a mudança já é bastante avançada.

Ainda de Porto Alegre são os resultados a seguir, em que são comparadas duas amostras, uma gravada nos anos 1970, pelo projeto NURC, e outra dos anos 1990, gravada pelo projeto VARSUL. Foram analisadas as entrevistas de 36 falantes, sendo 18 do gênero masculino e 18 do feminino, divididos em duas faixas etárias: “jovens” (25 a 44 anos) e “velhos” (45 a 69 anos). A grande maioria deles (32) tem educação universitária completa, mas, na amostra dos anos 1990, foram incluídos quatro falantes com educação secundária, supondo não haver diferença significativa entre eles, com base nos resultados do estudo de tempo aparente (Zilles, 2005). 20 falantes foram gravados na década de 1970 e 16, na década de 1990.

TABELA 2 – Fatores sociais significativos no uso de *a gente*, estudo de tendência, 1970 e 1990 (dados do NURC e do VARSUL).

	N/Total	%	Peso
Faixa etária			
Jovens	633/865	73	<u>0,64</u>
Velhos	358/668	54	0,32
Década/entrevista			
1970 (NURC)	403/721	56	0,31
1990 (VARSUL)	588/812	72	<u>0,67</u>
Gênero			
Masculino	387/654	59	0,46
Feminino	604/879	69	<u>0,53</u>
Totais	991/1533	65	Input: 0,74

Chamam atenção, na Tabela 2, as enormes diferenças, tanto em percentuais quanto em pesos, entre as faixas etárias (0,64 dos jovens *versus* 0,32 dos mais velhos) e as duas décadas (0,67 nos anos 1990, *versus* 0,31 nos anos 1970), revelando o quanto este processo se acelerou na segunda metade do século XX, por força, principalmente do incremento produzido pelo uso dos mais jovens. Além disso, considerando que a maioria (32/36) dos falantes dessas amostras são pessoas com instrução universitária, depreende-se dessa análise que o uso de *a gente*, na fala, não é estigmatizado.

No Gráfico 1, é possível constatar o acelerado avanço do uso de *a gente* versus *nós*. Os dados são do mesmo estudo de tendência, com as amostras do NURC e do VARSUL de Porto Alegre, com os indivíduos segundo sua data de nascimento.

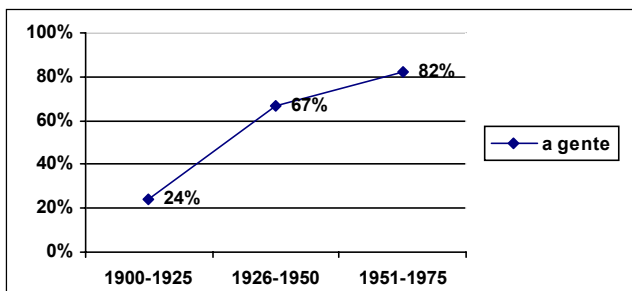


GRÁFICO 1 – Percentuais de uso de *a gente* conforme o ano de nascimento dos falantes, estudo de tendência (dados do NURC e do VARSUL de Porto Alegre).

No Gráfico 2, observa-se a distribuição do uso de *nós* e *a gente* em quatro comunidades do Rio Grande do Sul. Duas delas são comunidades bilíngües: Flores da Cunha (italiano-português) e Panambi (alemão-português). São Borja, por sua vez, é uma comunidade situada na fronteira com a Argentina, zona de contato entre espanhol e português. Por fim, Porto Alegre é a capital do estado e centro cultural e econômico. Nota-se, no gráfico, que as comunidades bilíngües parecem estar acompanhando mais lentamente a mudança que introduz *a gente* no sistema pronominal. Mesmo assim, a tendência em todas elas é na direção de maior uso da forma inovadora.

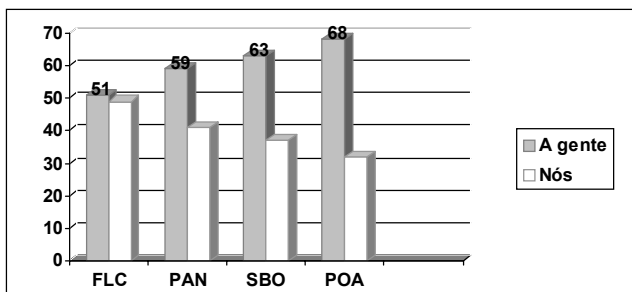


GRÁFICO 2 – Percentuais de uso de *nós* e *a gente* em quatro comunidades do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre (dados da década de 1990).

Esta espécie de regularidade da gramaticalização fica ainda mais aparente quando se considera o quadro nacional. No Gráfico 3, vemos os resultados de estudos feitos em três capitais do país, Rio de Janeiro, João Pessoa e Florianópolis, ao lado dos resultados mais recentes, pós ano 2000, de duas outras comunidades do Rio Grande do Sul: Pelotas e Jaguarão, fronteira com o Uruguai. Ainda assim, o encaixamento sociolinguístico revela maior difusão da mudança nos grandes centros, enquanto nas localidades menores, mais rurais, em que há contato linguístico e/ou bilingüismo, o ritmo parece ser mais lento.

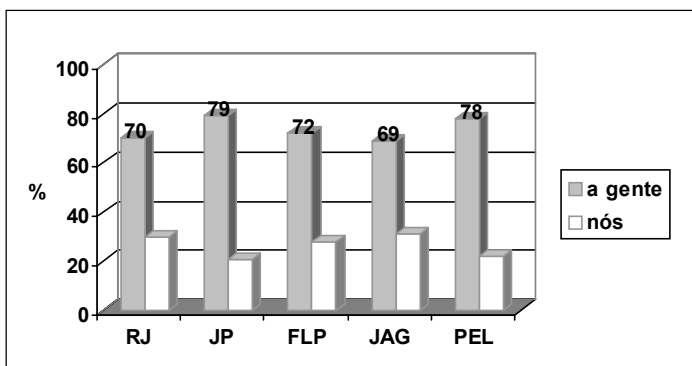


GRÁFICO 3 – Percentuais de uso de *a gente* em amostras socialmente estratificadas (dados coletados entre 1980 e 2000) **Legenda:** RJ: Rio de Janeiro, Sudeste (Omena and Braga, 1996); JP: João Pessoa, Nordeste; corpus do projeto VALPB (Fernandes, 1999); FLP: Florianópolis, Sul; corpus do projeto VARSUL (Seara, 2000); JAG: Jaguarão, Sul; corpus do projeto BDS-Pampa (Borges, 2004); PEL: Pelotas, Sul; corpus do projeto VarX (Borges, 2004).

Um último comentário sobre a difusão de *a gente* merece ser feito. As análises que já foram feitas (e é importante que se diga que este estudo não é, em absoluto, exaustivo) revelam o caráter crescente do uso da forma inovadora na fala em todo o país. Resultados consistentes como os que mostramos, beirando os 80%, levam à conclusão de que, de modo geral, não há estigma sobre seu emprego. Entretanto, essa conclusão, ainda que justificada pelo comportamento das pessoas, não corresponde completamente aos fatos. É o que discutimos brevemente na próxima seção, à guisa de conclusão deste artigo.

Avaliação social sobre o uso de *a gente*

Um procedimento para verificar se uma forma lingüística tem prestígio social é observar ou mesmo solicitar às pessoas das comunidades estudadas que expressem seu julgamento sobre tal emprego. Outra, menos explorada, até agora, em relação ao uso de *a gente*, é observar seu emprego na escrita. No caso de uma mudança em andamento, são valiosos os registros que caracterizam quem usa a forma inovadora, em que contextos, em que gêneros textuais, para que leitores, com que finalidade, entre tantas outras questões que, se respondidas amplamente, revelariam melhor a avaliação social em jogo.

Nos dados do projeto VARSUL do Rio Grande do Sul (mais de 70 entrevistas consultadas), encontramos uma única senhora que se opôs veementemente ao uso de *a gente* no início da entrevista, corrigindo as entrevistadoras. É o que transcrevemos no excerto da entrevista RSPOA46 a seguir.

E Tá, agora – agora **a gente** vai perguntar pra [1senhora1] –
F [1Nós,1], **agente não, agente é aquele que está agindo**
 (“agora”) (risos E), **nós!**

E **Nós.**

F (inint) hoje, porque vocês hoje maltratam a língua (inint), ai meu Deus do céu, isso que o pobre do Camões, o pobre do não sei mais o quê, do Rui Barbosa, (inint), que se esmerava para polir, pra enriquecer. Vocês hoje tratam de dilapidar, (inint) nem se usa mais o pronome. Pessoal (inint), **nós é agente.**

Agente é aquele que está agindo. É ou não é?

E **Nós então?**

F **Nós!** (risos geral) (inint)

E **Nós queremos saber** (hes), por exemplo, a origem da sua família. A senhora nasceu aqui em Porto Alegre?

A representação negativa é evidente. Essa postura da falante se reflete em seu comportamento: ao longo da entrevista, há no total 23 (79%) ocorrências de *nós* e apenas 6 de *a gente*; esta distribuição é exatamente o contrário da distribuição geral em Porto Alegre, em que se verificam aproximadamente 30% de pronome *nós* contra 70% de *a gente*. Embora seja um único caso, não se deve menosprezar o conteúdo deste comentário. Primeiro, porque ele revela que os falantes tomaram consciência da mudança, e isso é um passo importante para avaliações explícitas e processos de contraposição. Ao que parece, esta contraposição tem se manifestado principalmente nas restrições ao uso da forma inovadora na escrita. É o que nos diz Schmitz (2006), provocativamente listando gêneros textuais em que *a gente* seria indesejado e aqueles em que seria aceito:

O uso de ‘a gente’ ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais, como requerimentos, teses e dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, atestados, declarações, escrituras, leis e boletins de ocorrência. Num exame de textos jornalísticos, podemos observar que ‘a gente’ como pronome [pessoal] não ocorre em editoriais (SCHMITZ, 2006, p. 44).

No mesmo texto, Schmitz, além de salientar que “a gente” impera na fala, apresenta diversos exemplos de ocorrências do pronome em textos literários e jornalísticos do tipo ensaios políticos e crônicas. Cabe destacar, também, sobre o uso de *a gente* na escrita, as valiosas observações feitas por Neves (2003, p. 25).

Parece-nos, assim, que a discussão da difusão da mudança, na escrita, demanda atenção particular para as práticas sociais ligadas aos gêneros textuais. Sem espaço para detalhar observações que ainda são assistemáticas, registramos breves notas sobre essa relação.

A gente aparece, com valor de pronome pessoal pleno (*eu+tu*), em textos de literatura infantil, como em *Tchau*, de Bojunga (2001): a certa altura de uma conversa entre mãe e filha, esta diz àquela: “Sozinha como? e eu? e o Donatelo? *a gente* tá sempre junto, não tá?” Este e outros tantos casos de *a gente* neste e em outros livros contribui para a perda do estigma da forma pronominal com referência específica? Ou, ao contrário, contribui para que a mesma seja percebida como marcada, própria apenas para certos contextos?

A gente aparece ainda em textos que dão voz a crianças e criam vozes dirigidas a elas, como no magistral conto de Carlos Drummond de Andrade (1989) intitulado “Na escola”. De um lado, a fala dirigida pela professora aos alunos: “Muito bem. Será uma espécie de plebiscito. A palavra é complicada, mas a coisa é simples. Cada um dá sua opinião, *a gente soma* as opiniões, e a maioria é que decide”. De outro lado, a fala do aluno, em que a sintaxe da falta de concordância espelha a subversão da ordem proposta: “– Legal! – exclamou Jorgito. – Uniforme está superado, professora. A senhora vem de calça comprida, e *a gente aparecemos* de qualquer jeito”.

Em outra frente, o novo pronome aparece sobejamente em textos publicitários e em correspondência comercial, como nos dois exemplos que seguem, aleatoriamente colhidos: na correspondência do Banco Santander Banespa, de dezembro de 2006, lê-se: “A sua prosperidade, *a gente* vai celebrar juntos⁶”; no informativo entregue

⁶ A inclusão desta ocorrência tem a intenção paralela de permitir o confronto com a ocorrência acima, extraída de Bojunga (2001) e deixar a questão: *a gente* pode ser combinado com palavras no plural e numerais: a gente juntos? a gente três (cp. nós três)?

juntamente com o cartão do assinante do jornal *Correio do Povo*, em 2005, lê-se: “É um grande prazer ter você junto com *a gente*”.

A consulta aos dicionários também permite verificar aspectos da avaliação social das formas lingüísticas. O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), no verbete *nós*, registra sua equivalência com *a gente*, como se observa no excerto a seguir:

pronome pessoal da primeira pessoa do plural, indicando eu mais outra ou outras pessoas; funciona como sujeito (p.ex., nós já vamos embora), como predicativo (p.ex., os vencedores somos nós) ou como complemento, precedido de preposição (p.ex., não houve discórdia entre nós); **a gente** (grifo nosso).

Já no verbete *gente*, o mesmo dicionário registra *a gente* sob o rótulo de locuções, com a seguinte caracterização:

- 1 a pessoa que fala; eu
 - 2 a pessoa que fala em nome de si própria e de outro(s); nós
- Ex.: *a g. resolveu se mudar para o campo.*

Não há nenhuma anotação relacionada com a locução, mas também não há uma tomada de posição quanto a sua classificação como pronome. Se, por um lado, a questão da referência fica contemplada, nada é dito que revele avaliação social nem o caráter de mudança em andamento no PB.

O mesmo não ocorre no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa (2001). Nesta obra, a locução *a gente* é tratada como brasileiro, de uso familiar, revelando a percepção de que seja de uso estritamente informal e, sociolingüisticamente, mudança de baixo (cf. Labov, 1994). Há portanto, claramente, avaliação social em jogo nesta representação da forma inovadora:

Bras... loc. pron., Fam., funciona como uma terceira pessoa gramatical do singular e indica o grupo de pessoas em que se integra quem fala ou escreve, sendo equivalente a ‘nós’ semanticamente, mas não gramaticalmente. *A gente nem sabe o que fazer. A gente vai hoje ao cinema.* (p.1886).

Por fim, o *Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI* não classifica a forma *a gente* como coloquial e apresenta exemplos de língua escrita de autores consagrados, o que poderia levar a uma conclusão indevida de ausência de estigma na escrita, estigma que incide, ao que parece, principalmente, sobre o uso como pronome pessoal com referência específica:

A gente. A(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós: ‘De Jesus Cristo resta unicamente / Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente / Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!’ (Augusto dos Anjos, Eu, p. 110);

“E quando a gente volta à casa, um dia, / Vê trancada a janela que sorria / E lê na porta: ‘Aluga-se esta casa’.” (Afonso Schmidt, *Mocidade*, p. 16).

Para encaminhar nossa reflexão para um fechamento, recorremos a Graciliano Ramos, em São Bernardo. O personagem que enuncia a fala abaixo é Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, caracterizado como “redator e diretor do *Cruzeiro*” (p. 5), “periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam” (p. 6). Ele recebera a incumbência de fazer a “composição literária” do livro que Paulo Honório queria construir “pela divisão de trabalho”. Ao ler os primeiros dois capítulos escritos por Gondim, Paulo Honório considerou-os cheio de besteiras, pernóstico e zangou-se exclamando: “Há lá ninguém que fale dessa forma!” Ao que Azevedo Gondim respondeu:

– Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura. **A gente** discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tintas é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia (RAMOS, 1999, p. 7).

Entre nós, a distância entre como se fala e como se escreve é amplamente reconhecida. Os caminhos percorridos pelos processos dessa mudança já têm sido bastante estudados quando à língua falada, mas na escrita são ainda pouco explorados, particularmente desde uma perspectiva sociolingüística. Sugerimos que, ao fazê-lo, leve-se em conta a relação entre uso das formas inovadoras e os gêneros textuais. Por essa via, talvez, se compreenda por que, em certas circunstâncias, importa escrever como se fala ou recriar, na escrita, traços da fala, ao passo que, em outras, isso não é mesmo possível sem o ônus de estigma para quem escreve. A nosso ver, a compreensão dessas práticas sociais de gênero poderá dizer muito da avaliação social que formas inovadoras recebem e quais os caminhos que percorrem para sua aceitação na escrita.

Referências

Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 2001. 2 v.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Na escola*. Para gostar de ler: crônicas. 6. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de “a gente” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

- CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 19, p. 25-64, 1997.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO Aurélio Século XXI. versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira-Lexikon Informática. [200?]
- DIEWALD, Gabriele; WISCHER, Ilse. Introduction. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2002. p. ix-xiv.
- DUARTE, Maria Eugênia L. Aspectos do sistema pronominal do português falado nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. In: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa, PB, Brasil, 1996. p. 504-509.
- _____. Maria Eugênia L. O português do Brasil no contexto das línguas românicas. *Actes du XXII e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tübingen: Niemeyer, 2000. v. 2: Les nouvelles ambitions de la linguistique diachronique. p. 149-156.
- FARACO, Carlos A. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, n. 13, p. 51-82, 1996.
- FERNANDES, Eliene A. Nós x a gente: variação estável ou mudança em progresso? In: SOARES, Maria Elías; ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. (Ed.). *Anais da XVI Jornada de Estudos Lingüísticos*. Fortaleza: UFC/GELNE, 1999. p. 331-334.
- FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de palavras & expressões estrangeiras*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the phonology, syntax, and language history*. Doctoral dissertation – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2002. p. 83-101.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991. v. 1, p. 17-35.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1: Internal factors.
- LOPES, Célia R. S. O percurso de *a gente* em tempo real de longa duração. In: *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 2001. v. II, tomo I – Primeiros estudos. p. 127-148.

- LOPES, Célia R. S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912. p. 130-148.
- MENON, Odete P. da S. 'A gente': um processo de gramaticalização. *Estudos Lingüísticos*, n. 25, p. 622-628, 1996.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.
- NEVES, M. H. M. *Guia de uso do português*. Confrontando regras e usos. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- OMENA, Nelize P. de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, G. M. de Oliveira e; SCHERRE, M. M. P. (Ed.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Depto. de Lingüística e Filologia, UFRJ. 1996a. p. 183-216.
- _____. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de Oliveira e; SCHERRE, M. M. P. (Ed.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Depto. de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996b. p. 309-323.
- _____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Ed.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 83-60.
- OMENA, Nelize P. de; BRAGA, Maria Luiza. *A gente* está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T. et al. (Ed.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-83.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- RAMOS, Jânia. M. O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. da. (Ed.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-60.
- SCHMITZ, John R. The linguistic flexibility of 'a gente' in Portuguese. *Hispania*, p. 639-644, Sept. 1973.
- _____. Coisa da gente. *Revista Língua Portuguesa*, ano I, n. 11, p. 44-46, 2006.
- SEARA, Izabel C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000.
- SIMÕES, Luciene J. Aprendizagem da gramática do português escrito: algumas reflexões a partir da língua falada. *Calidoscópico*, v. 4, n. 1, p. 51-59, 2006.
- TRAUGOTT, Elizabeth. From less to more situated in language: The unidirectionality of semantic change. In: ADAMSON, S. et al. (Ed.). *Papers from the Fifth International Conference on English Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1989.
- VITRAL, Lorenzo. A forma *CÊ* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos Lingüísticos*, v. 4, n. 10, p. 115-124, 1996.

ZILLES, Ana M. S. Grammaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZILLES, Ana M. S.; MAYA, Leonardo Z.; SILVA, Karine Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

ZILLES, Ana M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005,